

James Salter

A ÚLTIMA NOITE  
E OUTRAS HISTÓRIAS

*prefácio de*  
John Banville

*tradução de*  
Francisco Agarez

LIVROS DO BRASIL

## AM STRANDE VON TANGER

Barcelona ao alvorecer. Os hotéis estão às escuras. Todas as grandes avenidas apontam para o mar.

A cidade está deserta. Nico dorme. Está presa pelos lençóis enroscados, pelos cabelos compridos, por um braço nu que pende de debaixo da almofada. Está imóvel, nem sequer respira.

Numa gaiola que se desenha debaixo de um pano de seda que é azul-índigo e preto, dorme o seu pássaro, *Kalil*. A gaiola está dentro de um fogão de sala vazio que foi meticulosamente limpo. Ao lado da gaiola há flores e uma taça de fruta. *Kalil* dorme, com a cabeça debaixo da macieira de uma asa.

Malcolm dorme. Os óculos de aros metálicos de que não precisa — as lentes não são graduadas — estão em cima da mesa, abertos. Dorme de barriga para o ar e o seu nariz corta o mundo dos sonhos como uma quilha. O nariz, o nariz da mãe ou pelo menos uma reprodução do nariz da mãe, parece um adereço de teatro, um estranho elemento decorativo que lhe tenham colado na cara. É a primeira coisa que chama a atenção nele. É a primeira coisa de que se gosta. O nariz é em certo sentido uma marca de compromisso com a vida. É um nariz grande que é impossível esconder. Além disso, Malcolm tem maus dentes.

Mesmo no cimo das quatro torres de pedra que Gaudí deixou inacabadas, a luz acaba de realçar inscrições a ouro tão ténues que não são legíveis. Não há sol. Há apenas um silêncio branco. Manhã de domingo, o alvorecer em Espanha. Uma neblina cobre todas as colinas que cercam a cidade. As lojas estão fechadas.

Nico saiu para a varanda depois do banho. Vem envolta no toalhão, ainda tem água a brilhar na pele.

— Está nublado — diz. — O dia não está bom para irmos à praia.

Malcolm olha para o céu.

— Pode ser que desanuvie.

É manhã. Toca Villa-Lobos no gira-discos. A gaiola está em cima de um banco no umbral da porta. Malcolm está estendido numa espreguiçadeira a comer uma laranja. Está apaixonado pela cidade. Tem uma profunda ligação a ela, baseada em parte num conto de Paul Morand e também num incidente ocorrido anos antes em Barcelona: um dia, ao anoitecer, Antoni Gaudí, misterioso, frágil, angelical mesmo, o grande arquiteto da cidade, foi atropelado por um elétrico quando se dirigia a pé para a igreja. Era muito velho, barbas brancas, cabelo branco, vestia a roupa mais simples. Ninguém o reconheceu. Ficou estendido na rua sem sequer um táxi que o transportasse ao hospital. Acabou por ser levado para o asilo. Morreu no dia em que Malcolm nasceu.

O apartamento fica na Avenida General Mitre e o alfaiate de Nico, como ela lhe chama, fica perto da catedral de Gaudí, na outra ponta da cidade. Trata-se de um bairro operário, paira no ar um vago cheiro a lixo. O sítio é rodeado por muros. Há trevos impressos no passeio. Destacando-se de tudo, as torres. *Sanctus, sanctus*, clamam. São ocas. A catedral nunca foi concluída, as suas portas dão sempre acesso ao ar livre. Malcolm já passeou muitas vezes, no calmo anoitecer de Barcelona, à volta deste monumento oco. Já enfiou notas de pesetas, praticamente sem valor, pela ranhura onde se lia: DOAÇÕES PARA CONTINUAR A OBRA. Parece que do outro lado caem simplesmente no chão ou, quando escuta melhor, há um padre de óculos que as guarda numa caixa de madeira.

Malcolm acredita em Malraux e em Max Weber: a arte é a verdadeira história das nações. Nos detalhes da sua pessoa há indícios de um processo ainda incompleto. É o processo de transformar um homem num instrumento perfeito. Prepara-se para a chegada desse grande artista que espera um dia ser, um artista no sentido verdadeiramente moderno, isto é, sem obra, mas com a convicção do génio. Um artista liberto das exigências do ofício, um artista de conceitos, de generosidade, a sua obra

é a criação da lenda de si mesmo. Basta-lhe ter um seguidor para poder acreditar na santidade deste desígnio.

É feliz aqui. Gosta das avenidas largas, com a frescura que lhes dão as árvores, dos restaurantes, dos fins de dia compridos. Está profundamente mergulhado nas correntes de uma serena vida conjugal.

Nico sai para a varanda vestindo uma camisola cor de trigo.

— Apetece-te um café? — diz. — Queres que vá lá abaixo buscar?

Ele pensa por um momento.

— Quero — diz.

— Como gostas dele?

— *Solo*.

— Simples.

Ela gosta de fazer isto. O edifício tem um pequeno elevador que sobe lentamente. Quando chega, ela entra e fecha as portas com cuidado. Depois, com igual lentidão, desce, andar a andar, e parecem décadas. Pensa em Malcolm. Pensa no pai e na sua segunda mulher. Provavelmente é mais inteligente do que Malcolm, conclui. Determinada é, com certeza. Ele, no entanto, é mais bem-parecido, de um modo estranho. Ela tem uma boca larga, inexpressiva. Ele é generoso. Ela sabe que é um pouco seca. Passa pelo primeiro andar. Vê-se ao espelho. É claro que estas coisas não se descobrem à primeira vista. É como uma peça de teatro, desenrola-se lentamente, cena a cena, a realidade de outra pessoa altera-se. Seja como for, a inteligência pura não é muito importante. É uma qualidade bastante abstrata. Não inclui o conhecimento intuitivo e cruel de como deve viver a nova vida, uma vida que o pai nunca compreenderia. Malcolm tem esse dom.

Às dez e meia, toca o telefone. Atende e fala em alemão, estendida no sofá. Quando acaba, Malcolm pergunta-lhe em voz alta: — Quem era?

— Queres ir à praia?

— Quero.

— A Inge está cá dentro de uma hora — diz Nico.

Ouviu falar dela e está curioso. Ainda por cima, tem carro. A manhã, em obediência aos seus desejos, começou a mudar. Lá em baixo, na avenida, há algum trânsito madrugador. O Sol rompe por um momento,

desaparece, volta a romper. Lá longe, fora do alcance dos seus pensamentos, as quatro torres alternam entre sombra e glória. Nos intervalos de sol, revelam-se as letras lá no alto: *Hosanna*.

Ao meio-dia, sorridente, chega Inge. Veste uma saia cor de camelo e uma blusa com os botões de cima desapertados. É um pouco pesada para a saia, que é muito curta. Nico faz as apresentações.

— Porque é que não telefonaste ontem à noite? — pergunta Inge.

— Estávamos para telefonar, mas fez-se tarde. Só jantámos às onze — explica Nico. — Calculei que tivesses saído.

Não. Passou a noite em casa à espera de que o namorado telefonasse, diz Inge. Abana-se com um postal ilustrado de Madrid. Nico foi para o quarto.

— São uns sacanas — diz Inge. Fala em voz alta. — Ficou de ligar às oito. Só ligou às dez. Que voltava a ligar pouco depois. Pois bem, nunca mais ligou. Acabei por adormecer.

Nico veste uma saia cinzento-clara com muitas pregas estreitas e um pulôver cor de limão. Vê-se de costas ao espelho. Tem os braços nus. Inge fala-lhe da sala virada para a frente.

— Não sabem comportar-se, é esse o problema. Não fazem a mínima ideia. Frequentam o Polo Club, é só isso que sabem fazer.

Começa a falar com Malcolm.

— Quando vamos para a cama com uma pessoa, tem de se ser amável depois, os dois têm de se tratar decentemente. Não é o caso. Não têm respeito nenhum por uma mulher.

Tem olhos verdes e dentes brancos e regulares. Ele está a pensar em como seria ter uma boca assim. Pretensamente, é filha de um cirurgião. De Hamburgo. Nico diz que não é verdade.

— Os tipos de cá são umas crianças — diz Inge. — Na Alemanha, já há algum respeito. Um homem não nos trata desta maneira, sabe comportar-se.

— Nico — chama Malcolm.

Ela aparece a escovar o cabelo.

— Estou a assustá-lo — explica Inge. — Sabes o que acabei por

fazer? Telefonei-lhe às cinco da manhã. Disse, porque é que não telefonaste? Não sei, disse ele — percebi que o tinha acordado —, que horas são? Cinco, disse eu. Estás chateado comigo? Um bocadinho, disse ele. Ainda bem, porque eu estou chateada contigo. Zás, desliguei.

Nico está a fechar as portas que dão para a varanda e a recolher a gaiola.

— Está calor — diz Malcolm. — Deixa-o ficar aí. Está a precisar de apanhar sol.

Ela olha para o pássaro com atenção.

— Acho que ele não está bem — diz ela.

— Está ótimo.

— O outro morreu na semana passada — explica ela a Inge. — De repente. Nem sequer estava doente.

Fecha uma porta e deixa a outra aberta. O pássaro fica ao sol agora radioso, coberto de penas, sereno.

— Acho que os pássaros não podem viver sozinhos — diz.

— Está ótimo — tranquiliza-a Malcolm. — Olha para ele.

O sol dá-lhe muito brilho às penas. Está pousado no poleiro mais alto. Os olhos têm umas pálpebras perfeitas, redondas. Ele bate-as.

O elevador continua no andar deles. Inge entra à frente. Malcolm puxa para si as portas estreitas. É como fechar um armário acanhado. Com as caras quase juntas, começam a descer. Malcolm vai a olhar para Inge. Ela vai embrenhada nos seus pensamentos.

Param para tomar outro café no barzinho do rés do chão. Ele segura a porta para elas entrarem. Não há ninguém no bar — só um homem a ler o jornal.

— Acho que lhe vou telefonar outra vez — diz Inge.

— Pergunta-lhe porque é que te acordou às cinco da manhã — diz Malcolm.

Ela ri-se.

— Sim — diz ela. — Essa é ótima. É isso mesmo que vou fazer.

O telefone está no outro extremo do balcão de mármore, mas Nico está a conversar com ele e não o deixa ouvir.

— Não queres ouvir? — pergunta ele.

— Não — diz ela.

O carro de Inge é um Volkswagen azul, o azul de certos sobrescritos de correio aéreo. Tem um guarda-lamas amolgado.

— Ainda não viste o meu carro — diz ela. — Que te parece? Fiz um bom negócio? Não percebo nada de carros. Este é o primeiro que tenho. Comprei-o a um tipo meu conhecido, um pintor, mas teve um acidente. Queimou o motor.

— Eu sei conduzir — diz. — Mas prefiro ir ao lado. Tu sabes conduzir?

— Claro — diz ele.

Senta-se ao volante e põe o motor a trabalhar. Nico senta-se no banco de trás.

— Então, que te parece? — diz Inge.

— Dá-me um minuto, que já te digo.

Apesar de só ter um ano, o carro já mostra certos sinais de uso. O forro da capota está gasto. Até o volante parece maltratado. Depois de terem percorrido alguns quarteirões, Malcolm diz: — Parece-me bom.

— Sim?

— Os travões estão um bocadinho fracos.

— Ai estão?

— Acho que estão a precisar de calços novos.

— Ainda há pouco tempo o mandei lubrificar — diz ela.

Malcolm olha para ela. Ela está a falar a sério.

— Vira aí à esquerda — diz.

Vai-lhe dando instruções para atravessar a cidade. Agora há algum trânsito, mas ele raramente para. Muitos cruzamentos de Barcelona são alargados em forma de octógono. Há poucos semáforos. Atravessam bairros enormes de velhos edifícios de habitação, passam por fábricas, pelos primeiros campos devolutos nos arredores da cidade. Inge vira-se no seu lugar para olhar para Nico.

— Estou farta desta terra — diz. — Quero ir para Roma.

Passam diante do aeroporto. A estrada para a beira-mar está apinhada.

Todo o trânsito disperso da cidade está agora afunilado naquela estrada, autocarros, camiões, inúmeros automóveis pequenos.

— Nem sequer sabem conduzir — diz Inge. — O que é que vão a fazer? Não podes ultrapassá-los?

— Ora, vamos lá — diz. Estica o braço à frente dele para buzinar.

— Isso não adianta nada — diz Malcolm.

Inge volta a buzinar.

— Não podem ir mais depressa.

— Oh, fico furiosa — protesta ela.

Duas crianças do carro à frente viraram-se para trás. As suas caras pálidas são coadas pelo vidro traseiro.

— Já alguma vez foste a Sitges? — diz Inge.

— Cadaqués.

— Ah — diz ela. — Sim. Uma beleza. Aí precisas de conhecer alguém que tenha uma vivenda.

O Sol é branco. A terra cá em baixo é da cor da palha. A estrada corre paralela à costa, passando por praias populares, parques de campismo, casas, hotéis. Entre a estrada e o mar passa a linha férrea, com pequenos túneis construídos por baixo para os banhistas chegarem à água. Ao fim de algum tempo tudo isto começa a desaparecer. Rolam a par de areais praticamente desertos.

— Em Sitges — diz Inge —, estão todas as loiras da Europa. Suécia, Alemanha, Holanda. Já vão ver.

Malcolm vai com atenção à estrada.

— Não resistem aos olhos castanhos dos espanhóis — diz Inge.

— Olha para elas! Olha para elas a pastelar! Vêm para aqui cheias de esperanças — diz Inge. — Fazem economias, compram fatos de banho minúsculos que cabiam numa colher, e o que é que acontece? Têm uma noite de amor, talvez, e mais nada. Os espanhóis não sabem lidar com as mulheres.

Nico vai calada no banco de trás. No rosto, a expressão calma que significa que vai enfadada.

— Não sabem nada — diz Inge.



Sitges é uma cidadezinha com os hotéis húmidos, as portadas verdes e os relvados mortiços de uma estância de férias à beira-mar. Há automóveis estacionados por todo o lado. As ruas estão pejadas deles. Descobrem finalmente um lugar a dois quarteirões do mar.

— Fecha bem o carro — diz Inge.

— Ninguém o rouba — diz-lhe Malcolm.

— Agora já não o achas tão bom — diz ela.

Seguem a pé pela rua, cujo piso parece ter empolado com o calor. A toda a volta veem-se as fachadas planas, despidas de decoração, de prédios construídos em cima uns dos outros. Apesar dos automóveis, a cidade está estranhamente deserta. São duas horas da tarde. Está toda a gente a almoçar.

Malcolm tem uns calções de algodão grosso, o algodão azul-vítreo dos tuaregues. Têm um pequeno cinto, da largura de um dedo, que só dá meia volta à cintura. Sente-se poderoso quando os veste. Tem físico de corredor, um corpo sem defeitos, um corpo de mártir de um quadro flamengo. Veem-se-lhe vasos como cordões por baixo da pele dos braços e das pernas. Os vestiários têm uma parede de fundo em betão e chão de cânhamo. As suas roupas pendem informes de um cabide. Sai para o corredor. As mulheres ainda estão a mudar de roupa, não sabe atrás de que porta. Há um pequeno espelho pendurado num prego. Malcolm alisa o cabelo e espera. Lá fora está sol.

Entra-se no mar por uma faixa inclinada de calhaus aguçados como pregos. Malcolm entra à frente. Nico segue-o sem uma palavra. A água está fria. Sente-a trepar-lhe pelas pernas, chegar-lhe à bainha dos calções e depois, enfunando-os — ele salta o mais alto que pode —, envolve-o. Mergulha. Vem à superfície a sorrir. O sabor a sal nos lábios. Nico também mergulhou. Emerge perto dele, suavemente, e com uma das mãos empurra o cabelo molhado para trás. Põe-se em pé de olhos semicerrados, sem saber exatamente onde está. Ele passa-lhe um braço em volta da cintura. Ela sorri. Tem um instinto certo e seguro que lhe diz quando está mais bela. Por um momento ficam os dois em serena dependência. Ele ergue-a nos braços e transporta-a, com a ajuda do mar, para águas mais fundas. A cabeça

dela vai pousada no seu ombro. Inge está deitada na praia, em biquíni, a ler a *Stern*.

— Qual é o problema da Inge? — diz ele.

— Tudo.

— Não é isso: não quer ir à água?

— Está com o período — diz Nico.

Deitam-se ao lado dela em toalhas separadas. Malcolm repara que é muito morena. Nico não consegue ficar como ela, por muito tempo que passe ao ar livre. É quase uma espécie de teimosia, como se ele lhe oferecesse o sol e ela não o aceitasse.

Inge diz-lhe que ficou com aquele bronzeado ao fim de um único dia. Um único dia! Parece incrível. Olha para os braços e pernas como que a confirmar. Sim, é verdade. Nua, estendida nas rochas, em Cadaqués. Olha para a barriga e com isso provoca nela vários sulcos de gordura juvenil.

— Estás a engordar — diz Nico.

Inge ri-se. — São as minhas economias — diz.

É isso que parecem, cintos, partes de uma fantasia que traz vestida. Quando se deita para trás, desaparecem. Os seus membros são lisos. A barriga, tal como o resto do corpo, cobre-se de uma ténue penugem dourada. Dois rapazes espanhóis passeiam-se à beira da água.

Inge está a falar para o céu. Se for para a América, diz em voz alta, será que vale a pena levar o carro? Afinal de contas, comprou-o por um ótimo preço, talvez pudesse vendê-lo se não quisesse levá-lo, e ainda ganhar algum dinheiro.

— A América está cheia de Volkswagens — diz Malcolm.

— Está?

— Está cheia de carros alemães, toda a gente tem um.

— É porque gostam deles — conclui ela. — O Mercedes é um bom carro.

— Muito apreciado — diz Malcolm.

— É o carro que eu gostava de ter. Gostava de ter dois ou três. Quando tiver dinheiro, vai ser esse o meu *hobby* — diz ela. — Gostava de viver em Tânger.

— Excelente praia.

— Ah sim? Vou ficar negra como um árabe.

— É melhor andares vestida — diz Malcolm.

Inge sorri.

Nico parece adormecida. Ficam ali em silêncio, os pés a apontar para o Sol, que já perdeu a força. Só têm passageiros momentos de calor quando o vento amaina por completo e o sol poente os banha, fraco mas envolvente. Aproxima-se uma hora de melancolia, a hora em que tudo acaba.

Às seis horas, Nico endireita-se na toalha. Está com frio.

— Anda — diz Inge —, vamos dar um passeio para aquele lado da praia.

Insiste na ideia. O Sol ainda não se pôs. Sente-se muito alegre.

— Vem comigo — diz —, aquele é o lado bom, onde estão todas as grandes vivendas. Passamos diante delas e fazemos os velhos felizes.

— Eu não quero fazer ninguém feliz — diz Nico, cingindo o tronco com os braços.

— Não é tão fácil como pensas — garante-lhe Inge.

Nico acompanha-a, contrariada. Vai agarrada aos cotovelos. O vento vem do lado do mar. Agora as ondas são pequenas e parecem desfazer-se em silêncio. O som que produzem é ténue, como que esquecido. Nico enverga um fato de banho inteiro, cinzento, cavado nas costas, e olha para a areia enquanto Inge brinca diante das casas dos ricos.

Inge entra no mar. Vem, diz, está quente. Está risonha e feliz, a sua alegria é mais forte do que a hora tardia, mais forte do que o frio. Malcolm entra lentamente atrás dela. A água está realmente quente. E também parece mais transparente. E está deserta, tanto quanto a vista alcança para qualquer dos lados. Estão a banhar-se nela sozinhos. As ondas engrossam e levantam-nos suavemente. A água corre por cima deles, lavando a alma.

À entrada dos vestiários, os rapazes espanhóis deambulam à espera de um vislumbre, se a porta do chuveiro se abrir demasiado cedo. Vestem calções de banho azuis, de lã. E pretos. Os seus pés dão a impressão de que têm os dedos muito compridos. Só há um chuveiro, com uma única torneira calcificada. A água é fria. Inge é a primeira. O seu fato de banho

aparece, uma pequena peça e a seguir a outra, pousadas na parte de cima da porta. Malcolm espera. Ouve as palmadas e passagens suaves das mãos dela, o súbito estremejar da água no cimento quando ela se afasta. Os rapazes que estão à porta admiram-no. Ele afasta o olhar. Conversam em voz baixa. Espicaçam-se uns aos outros, dando a ideia de que estão a brincar.

As ruas de Sitges estão diferentes. Bateu uma hora que anuncia a noite, e por todo o lado há multidões que passeiam. Eles têm dificuldade em manter-se juntos. Malcolm vai com um braço por cima de cada uma delas. Elas reagem ao seu toque como se fossem cavalos. Inge sorri. Quem os vir, vai pensar que andam os três enrolados, diz.

Param num café. Não é um bom café, queixa-se Inge.

— É o melhor — diz simplesmente Nico. Uma das suas qualidades é que consegue ver num relance, aonde quer que vá, qual é o lugar certo, o restaurante ou hotel certo.

— Não — insiste Inge.

Nico parece indiferente. Retomam o caminho, agora separados, e Malcolm sussurra: — Que é que ela quer?

— Não sabes? — diz Nico.

— Estão a ver estes rapazes? — diz Inge. Estão sentados noutra lugar, um bar. À sua volta, de braços e pernas bronzeados, cabelo descorado pelas longas tardes à torreira do sol, sentam-se rapazes com o doce olhar da indolência.

— Não têm dinheiro — diz Inge. — Nenhum deles teria possibilidade de nos convidar para jantar. Nenhum. Não têm nada. A Espanha é isto — diz.

Nico escolhe o sítio para jantar. Tornou-se uma pessoa secundária durante o dia. A presença desta amiga, desta rapariga com quem descontraidamente partilhara a vida durante os dias em que ambas tentavam orientar-se na cidade, quando ainda não conhecia ninguém nem sequer sabia o nome das ruas, quando estava tão doente que, para mandar um telegrama ao pai, tiveram de ser as duas a escrevê-lo — não tinham telefone —, esta súbita revelação de Inge parece ter esvaziado o passado de toda a decência. De repente, sente a angustiante certeza de que Malcolm

a despreza. A sua autoconfiança, sem a qual não é nada, desapareceu. A toalha da mesa parece branca e ofuscante. Parece iluminá-los aos três com uma luz impiedosa. As facas e os garfos estão dispostos como instrumentos cirúrgicos. Os pratos jazem frios. Não tem fome, mas não ousa recusar-se a comer. Inge fala do namorado.

— É horrível — diz —, não tem coração. Mas eu compreendo-o. Sei o que ele quer. De qualquer maneira, uma mulher não pode ter a esperança de ser tudo para um homem. Isso não é natural. Um homem precisa de várias mulheres.

— És maluca — diz Nico em tom neutro.

— Pois sou.

A afirmação é tudo quanto faltava para a desmoralizar. Malcolm está a inspecionar a correia do relógio. Nico acha que é ele que está a permitir tudo isto. É estúpido, pensa. Esta rapariga vem de um estrato social baixo e ele acha isso interessante. Está convencida de que, só porque os homens a levam para a cama, vão casar-se com ela. É claro que não vão. Nunca. Nada, pensa Nico, podia estar mais longe da verdade, se bem que, ao mesmo tempo que pensa assim, saiba que pode estar enganada.

Vão tomar um café ao Chez Swann. Nico senta-se numa mesa à parte. Diz que está cansada. Enrosca-se num dos sofás e adormece. Está exausta. A noite arrefeceu muito.

Acorda-a uma voz, música, uma voz magnífica entrecortada por fraseados da guitarra. Nico ouve-a no sono e endireita-se no sofá. Malcolm e Inge conversam. A canção é como uma coisa há muito esperada, uma coisa que Nico procurava. Estende a mão e toca no braço dele.

— Escuta — diz.

— O quê?

— Escuta — diz ela —, é a María Pradera.

— María Pradera?

— A letra é lindíssima — diz Nico.

Frases simples. Ela repete-as, como se fossem uma litania. Repetições misteriosas: mãe de cabelos negros... filho de cabelos negros. A eloquência dos pobres, polida pelo uso, pura como um calhau rolado.

Malcolm escuta pacientemente, mas não ouve nada. Para ela é claro: está mudado, enquanto ela dormia foi envenenado com histórias de uma Espanha repugnante, veneno ministrado aos bocadinhos que agora lhe corria pelas veias, uma Espanha congeminada por uma mulher que sabe que nunca poderá ser mais do que uma parte daquilo que é necessário a um homem. Inge está calma. Acredita em si mesma. Acredita no seu direito de existir, de exigir.

A estrada está escura. Abriram a capota para receber a noite, uma noite tão densa de estrelas que parecem chover dentro do carro. No banco de trás, Nico sente-se assustada. Inge vai a falar. Estende o braço para buzinar aos carros que vão muito devagar. Malcolm ri-se. Há em Barcelona quartos particulares onde, com o seu amante, Inge passou tardes de inverno diante de uma lareira quente e crepitante. Há casas onde fizeram amor em cima de cobertores de pele. Claro que, na altura, ele era simpático. Inge imaginava-se no Polo Club, em jantares nas melhores casas.

As ruas da cidade estão praticamente desertas. É quase meia-noite. Meia-noite de domingo. O dia passado ao sol cansou-os, o mar esgotou-lhes as forças. Vão até à General Mitre e despedem-se através das janelas do carro. O elevador sobe muito devagar. Estão suspensos no silêncio. Olham para o chão como jogadores que perderam.

O apartamento está às escuras. Nico acende uma luz e desaparece. Malcolm lava as mãos. Limpa-as à toalha. Os compartimentos parecem muito silenciosos. Avança lentamente por eles e encontra-a, como se tivesse caído, de joelhos na soleira da porta que dá para a varanda.

Malcolm olha para a gaiola. *Kalil* está caído no chão.

— Dá-lhe um bocadinho de conhaque na ponta de um lenço — diz. Ela abriu a porta da gaiola.

— Está morto — diz.

— Deixa-me ver.

Está hirto. As patinhas estão crispadas e secas como palhas. Parece mais leve. O sopro vital abandonou-lhe as penas. Um coração do tamanho de uma semente de laranja parou de bater. A gaiola está agora vazia no umbral da porta. Parece não haver nada a dizer. Malcolm fecha a porta.

Mais tarde, na cama, ouve-a soluçar. Tenta consolá-la, mas não consegue. Ela está de costas viradas para ele. Não responde.

Tem seios pequenos e mamilos grandes. E também, como ela própria diz, um rabo bastante grande. O pai tem três secretárias. Hamburgo fica ao pé do mar.